

MARCO ANTÔNIO SOUSA ALVES

PERELMAN

e a argumentação filosófica:
convencimento e universalismo



MARCO ANTÔNIO SOUSA ALVES

PERELMAN
e a argumentação filosófica:
convencimento e universalismo



D'PLÁCIDO
EDITORA

Copyright © 2015, D'Plácido Editora.
Copyright © 2015, Marco Antônio Sousa Alves.

Editor Chefe
Plácido Arraes

Produtor Editorial
Tales Leon de Marco

Capa
Tales Leon de Marco

Diagramação
Bárbara Rodrigues da Silva
Leticia Robini de Souza

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, por quaisquer meios, sem a autorização prévia da D'Plácido Editora.



D'PLÁCIDO
EDITORA

Editora D'Plácido
Av. Brasil, 1843, Savassi
Belo Horizonte – MG
Tel.: 3261 2801
CEP 30140-002

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

Alves, Marco Antônio Sousa.

Perelman e a argumentação filosófica: convencimento e universalismo -- Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2015.

Bibliografia

ISBN: 978-85-8425-057-8

1. Direito 2. Filosofia 3. Filosofia do Direito I. Título II. Direito

CDU1+34

CDD100+340

Para Tales e Carol. Com imenso carinho.

Voilà ce qu'on me demande, et ce que je me propose d'examiner dans ce Discours. Mon sujet intéressant l'homme en général, je tâcherai de prendre un langage qui convienne à toutes les nations, ou plutôt, oubliant les temps et les lieux, pour ne songer qu'aux hommes à qui je parle, je me supposerai dans le lycée d'Athènes, répétant les leçons de mes maîtres, ayant les Platons et les Xénocrates pour juges, et le genre humain pour auditeur.

J.-J. Rousseau. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	15
INTRODUÇÃO.....	19

PARTE UM:

A ARGUMENTAÇÃO E A NOVA RETÓRICA DE PERELMAN

CAPÍTULO 1

<i>Exposição preliminar e abordagens no estudo da argumentação.....</i>	<i>29</i>
1.1. Abordagens lógica, psicológica e sociológica.....	38
1.2. Abordagens descritiva e normativa.....	41
1.3. Abordagens argumentativo- filosófica e estilístico-literária.....	44
1.4. Abordagens lógica, dialética e retórica.....	49

CAPÍTULO 2

<i>Considerações históricas sobre a argumentação.....</i>	<i>57</i>
2.1. Um breve percurso dos estudos retóricos.....	57
2.2. A nova retórica e as abordagens antigas.....	68

CAPÍTULO 3

<i>A nova retórica: distinções fundamentais</i>	73
3.1. Adesão vs. constrangimento.....	73
3.2. Demonstração vs. argumentação.....	79
a) Lógica formal vs. lógica informal.....	90
b) Evidência vs. opinião.....	95
c) Racional vs. razoável.....	97
d) Objetividade vs. imparcialidade.....	100
e) Contradição vs. incompatibilidade.....	102
f) Validade vs. eficácia.....	103

CAPÍTULO 4

<i>A noção de auditório</i>	107
4.1. Auditórios privilegiados e o auditório de elite.....	112
4.2. Auditório particular e auditório universal.....	119

PARTE DOIS:

NOVA RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA E AUDITÓRIO UNIVERSAL

CAPÍTULO 5

<i>Filosofia enquanto forma de argumentação</i>	129
5.1. A questão da meta-filosofia.....	130
5.2. Especificidade da argumentação filosófica.....	133
a) Visada própria à argumentação filosófica.....	133
b) Pontos de partida da argumentação filosófica.....	142

CAPÍTULO 6

O conceito de auditório universal.....151

- 6.1. Principais elementos presentes na definição do auditório universal.....152
- a) O auditório universal é o caso limite dos auditórios particulares.....153
 - b) O auditório universal é apenas uma construção do orador.....154
 - c) O auditório universal não é um dado empírico.....155
 - d) A adesão do auditório universal é uma mera pretensão do orador.....156
 - e) O auditório universal é uma questão de direito.....156
 - f) O auditório universal é uma hipótese.....157
 - g) O auditório universal corresponde ao melhor auditório possível.....158
 - h) O auditório universal varia segundo o orador e o meio.....158
 - i) O auditório universal não exclui, em princípio, ninguém.....159
 - j) O auditório universal inclui todos capazes de acompanhar a argumentação.....160
 - k) O auditório universal corresponde à encarnação da razão.....161
- 6.2. Diferentes interpretações e tentativa de harmonização.....164
- a) Interpretação lógica.....165
 - b) Interpretação psicológica.....169
 - c) Interpretação sociológica.....172
 - d) Interpretação filosófica.....174
 - e) Harmonização: como compreender o auditório universal.....176

CAPÍTULO 7

<i>A visão filosófica de Perelman</i>	185
7.1. Filosofia regressiva vs. filosofias primeiras.....	185
7.2. Conseqüências relativistas.....	199
a) A filosofia é um sistema fechado.....	199
b) A filosofia funda-se em metáforas.....	201
c) O pluralismo filosófico é irremediável.....	202
d) Cada época tem sua filosofia.....	206
7.3. Da possibilidade da filosofia.....	207

CAPÍTULO 8

<i>Balanço crítico da abordagem de Perelman</i>	215
8.1. A problemática relação entre descrição e prescrição.....	217
a) Georges Goriely.....	218
b) Manuel Atienza.....	219
c) Juan Antonio García Amado.....	221
d) Sally van Noorden.....	222
e) Stephen Toulmin.....	225
8.2. A problemática relação entre sociologia, psicologia e lógica.....	228
a) Armando Plebe e Pietro Emanuele.....	229
b) Boaventura de Sousa Santos.....	230
c) Luc Wintgens e Joseph Ohana.....	232
8.3. A problemática relação entre lógica, retórica e dialética.....	233
a) Armando Plebe e Pietro Emanuele.....	234
b) Joseph Wenzel.....	235

c) Christopher Tindale, Leo Groarke e Jaakko Hintikka.....	237
8.4. A manipulação unidirecional da retórica.....	239
a) Henry Johnstone Jr.....	240
b) Boaventura de Sousa Santos.....	244
c) Guy Haarscher.....	245
d) Gerald Miller, Michael Burgoon e Judee Burgoon.....	248
8.5. O quadro conceitual obscuro e inútil da nova retórica.....	251
a) Manuel Atienza.....	251
b) Robert Alexy.....	253
c) Henry Johnstone Jr.....	254
d) Frans H. Van Eemeren, Rob Grootendorst e Tjark Kruijer.....	256
8.6. O conservadorismo prático de Perelman.....	258
a) Armando Plebe e Pietro Emanuele.....	258
b) Manuel Atienza.....	260
8.7. A ambigüidade do conceito de auditório universal.....	261
a) Manuel Atienza.....	262
b) Antonio Pieretti.....	264
c) Aulis Aarnio.....	268
d) Fans H. Van Eemeren e Rob Grootendorst.....	270
e) Christopher Tindale e Leo Groarke.....	272
8.8. A dispensabilidade do conceito de auditório universal.....	275
a) Henry Johnstone Jr.....	275
b) Raymie McKerrow.....	280

c) Paulo Roberto Magutti Pinto.....	282
d) Oswaldo Porchat Pereira.....	285

PARTE TRÊS:

DESDOBRAMENTOS: O AUDITÓRIO UNIVERSAL
E O DEBATE SOBRE A ARGUMENTAÇÃO

CAPÍTULO 9

<i>Convencimento vs. persuasão</i>	293
9.1. Concepção tradicional da distinção entre convencer e persuadir.....	294
9.2. Kant: convicção (objetiva) vs. persuasão (subjéitiva).....	296
9.3. O auditório universal e a distinção entre convencer e persuadir.....	300

CAPÍTULO 10

<i>Contextualismo vs. universalismo</i>	319
10.1. O contextualismo de Richard Rorty.....	324
10.2. O universalismo de Karl-Otto Apel.....	332
10.3. A via média de Jürgen Habermas.....	347
10.4. O auditório universal e a questão do contextualismo e do universalismo.....	370

CONCLUSÃO.....	391
----------------	-----

REFERÊNCIAS.....	405
------------------	-----

PREFÁCIO

Sabemos que a lógica estuda a validade dos argumentos do ponto de vista predominantemente sintático. Por vezes, aspectos semânticos dos argumentos são também considerados. Mas os aspectos pragmáticos geralmente são deixados de fora nos estudos de lógica formal. Isso se reflete nos nomes das disciplinas envolvidas. Costuma-se chamar de *lógica formal* ao estudo sintático-semântico dos argumentos. O estudo pragmático dos argumentos, por sua vez, foi inicialmente chamado de *retórica* e, mais recentemente, *teoria da argumentação*. Na Grécia Antiga, os aspectos pragmáticos dos argumentos foram levados em conta pelos sofistas, por Platão e por Aristóteles. Esse último realizou estudos mais aprofundados do assunto, dentre os quais se destaca sua obra *A Arte Retórica*. Mais tarde, os romanos Cícero e Quintiliano trouxeram também contribuições ao tema. Todavia, durante a Idade Média e a Idade Moderna, os estudos de retórica perderam parte de sua importância, embora nunca tenham sido completamente abandonados. Nesse período, os estudiosos se concentraram nos aspectos lógico-formais dos argumentos, considerados objetivos, e desconsideraram os aspectos pragmáticos dos argumentos, considerados subjetivos. Foi somente no século XX que os estudos de retórica retomaram fôlego, com os trabalhos de Perelman, Kenneth Burke, Ivor Armstrong Richards, Stephen Toulmin e o Grupo μ , entre outros. No conjunto

das obras produzidas por essa plêiade de realizadores, o *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*, de Perelman & Olbrechts-Tyteca, possui caráter seminal, em virtude da introdução de noções como *argumentação*, *dissociação de conceitos*, *auditório universal*, etc. Embora já traduzida para o português, essa obra ainda é pouco conhecida entre nós, que temos revelado maior interesse pelos estudos de lógica formal do que pelos estudos de argumentação.

O presente livro, de autoria de Marco Antônio Sousa Alves, se insere neste contexto. Ele se propõe a analisar a abordagem perelmaniana para melhor compreender o discurso filosófico, que geralmente é permeado de elementos retóricos. Nesse sentido, ele procura explorar os principais conceitos da teoria da argumentação, dando especial ênfase ao conceito de *auditório universal* e localizando Perelman no debate contemporâneo sobre o assunto. Além disso, Marco Antônio se dispõe a aproximar a proposta de Perelman, que envolve uma filosofia aberta e uma metafísica situada, àquela de Habermas, procurando mostrar que ela se encontra a meio caminho entre as propostas de Apel e de Rorty. Trata-se de tarefa difícil, mas que o nosso autor realiza de maneira competente, revelando um excelente domínio do assunto. Isso pode ser depreendido da sua linguagem extremamente clara e da extensa bibliografia por ele utilizada em sua pesquisa. Como se não bastassem esses elementos positivos, ele ainda inclui autores brasileiros no debate e procura assumir uma posição pessoal na sua interpretação de Perelman. Na verdade, não haveria como esperar menos. Marco Antônio foi aluno meu na UFMG, tendo trabalhado comigo inicialmente como bolsista de iniciação científica e depois como mestrando, revelando sempre uma postura de seriedade e competência. O presente livro corresponde a uma versão ampliada de sua dissertação de mestrado, incluindo agora a discussão final sobre a posição de Perelman no debate contemporâneo

sobre argumentação. Trata-se de uma obra importante não só aos estudiosos de filosofia e de direito, mas também a todas as pessoas interessadas nas questões candentes sobre argumentação. É com imenso prazer que a vemos sair a lume, prevendo que ela certamente irá estimular um grande número de leitores.

Paulo Roberto Margutti Pinto

Professor titular aposentado do Departamento de
Filosofia da UFMG; Professor do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da FAJE
(Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia)

INTRODUÇÃO

Argumentar, convencer, filosofar. Este livro pretende analisar a proposta de Perelman de uma *nova retórica* e, partindo dela, compreender melhor o discurso filosófico. As principais metas desse trabalho são: definir os conceitos e distinções fundamentais de uma teoria da argumentação; investigar a especificidade da argumentação filosófica, clareando o conceito de *auditório universal*; e estudar a relação entre persuasão e convencimento e entre contextualismo e universalismo, situando Perelman no debate contemporâneo relativo à argumentação. Pretende-se, ainda, indicar a aproximação existente entre o pensamento perelmaniano e o habermasiano, bem como sua distância relativamente a Rorty e Apel, e mostrar como, dependendo do ponto de vista (interno ou externo ao auditório), a filosofia pode ser vista como um discurso limitado a um contexto determinado ou como uma argumentação aberta que visa o universal.

O texto que se segue é, com algumas alterações, o resultado de minha pesquisa de mestrado em filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais, defendida em 2005 sob a orientação do Prof. Paulo Roberto Margutti Pinto. Apesar do passar dos anos, creio ser ainda oportuna a publicação deste trabalho, haja vista a quase ausência de estudos acadêmicos brasileiros dedicados à obra de Chaim Perelman, sobretudo nos departamentos de filosofia. Apesar de ser muito citado e servir de referência para diferentes pesquisas

em diversas áreas do conhecimento, poucos são os estudos que procuram analisar mais detidamente os fundamentos da nova retórica. E são ainda mais raros os trabalhos que procuram explorar suas raízes e algumas de suas consequências para os debates filosóficos contemporâneos. Espero, assim, ao levar este texto ao público, contribuir para a divulgação do pensamento de Perelman e para o aprofundamento dos estudos em teoria da argumentação no Brasil.

Descobrir a especificidade do discurso filosófico (a sua riqueza e abrangência, bem como seus possíveis limites) constitui uma empresa que deve ser realizada por todo aquele que assume uma postura realmente crítica frente ao seu saber. A teoria da argumentação, ao colocar em questão o próprio discurso filosófico, realiza esse estudo preliminar e assume a posição de uma autêntica meta-filosofia, de grande valia para o filósofo que deseja compreender melhor o seu próprio discurso. O presente trabalho é um recorte nesse universo da argumentação filosófica, haja vista a imensidão do tema, sobretudo se levarmos em consideração todos os seus infundáveis desenvolvimentos, vindos das mais variadas tradições e dos mais diversos campos de estudo. Nesse sentido, optou-se por limitar a análise à contribuição de Chaïm Perelman e de seu conceito de *auditório universal*.

Em razão do desconhecimento que se tem, sobretudo entre os filósofos e no Brasil, da vida e obra de Perelman, apresento aqui uma biografia resumida. Chaïm Perelman (1912-1984) nasceu em Varsóvia e transferiu-se para Bruxelas em 1925, naturalizando-se belga. Em seus primeiros passos intelectuais, Perelman recebeu uma sólida formação jurídica, escrevendo uma tese de doutorado em direito, concluída em 1934, e também em lógica formal, ocorrida no decorrer da década de 1930 sob a influência do neopositivismo, defendendo uma tese de doutorado em 1938, sobre o lógico alemão Gottlob Frege. Na década de 1930, voltou

à Polônia para estudar na famosa Escola Polonesa de Lógica, Matemática e Filosofia Positivista, onde foi aluno de Kotarbinski e Lukasiewicz. Com o advento da Segunda Guerra, toda essa formação logicista acabou voltando-se contra ela mesma. Perelman, de origem judaica, não concordou em entregar o discurso sobre os valores ao arbítrio, o que seria a consequência natural de uma posição neopositivista, e interessou-se pela possibilidade de uma lógica dos juízos de valor, com o fim de subtrair esse âmbito do domínio do irracional. A partir de 1948 e durante dez anos de pesquisas em conjunto com Lucie Olbrechts-Tyteca, estudiosa de ciências econômicas e sociais, Perelman abandonou seu estudo anterior de uma lógica específica dos juízos de valor (concluindo pela sua inexistência) e voltou-se para as técnicas de argumentação e persuasão estudadas pelos antigos e, em particular, por Aristóteles. O resultado dessa nova reflexão está, sobretudo, em *Rhétorique et Philosophie*, de 1952, e no *Traité de l'Argumentation*, de 1958. Além do desenvolvimento da Nova Retórica, Perelman aprofundou seus estudos em algumas repercussões que a teoria da argumentação trazia para a filosofia, o direito, a moral e a justiça. Seus escritos possuem natureza fragmentária, com exceção do *Traité de l'Argumentation*, e estão espalhados em uma grande quantidade de artigos. Perelman lecionou Lógica, Moral e Filosofia na Universidade de Bruxelas até 1978, foi o diretor de importantes centros de pesquisa na Bélgica (*Centre National de Recherches de Logique* e o *Centre de Philosophie du Droit de l'Université Libre de Bruxelles*) e foi professor visitante em diversas universidades pelo mundo, como, por exemplo, na Pennsylvania State University nos Estados Unidos, onde seus escritos tiveram boa repercussão. Em dezembro de 1983, Perelman recebeu o título de Barão do rei Baudouin da Bélgica em reconhecimento à sua obra, vindo a morrer logo depois (cf. PERELMAN,

1972a; BOSCO, 1983; FOSS & TRAPP, 1985; ATIENZA, 1991; MEYER, 1993b; MANELI, 1994).

A escolha pelo estudo da nova retórica proposta por Perelman justifica-se, sobretudo, pelas seguintes razões: (a) a importância e o pioneirismo de seus estudos, que foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria da argumentação (sendo ele considerado o maior responsável pelo ressurgimento destas questões); (b) a relevância dos temas tratados por Perelman, além da grande quantidade de textos publicados por ele sobre o assunto; (c) o fato de seu pensamento ser muito pouco estudado, sendo ele ignorado pela maioria dos filósofos e, sobretudo, pelos filósofos brasileiros; (d) o fato de o conceito de *auditório universal* ser de grande valia para a compreensão do debate contemporâneo relativo à argumentação.

Quanto ao valor da proposta perelmaniana de uma nova retórica, não é exagerado dizer que ela ainda é, mesmo depois de mais de cinquenta anos de sua elaboração, uma das teorias mais completas e robustas e uma referência indiscutível em todos os estudos em teoria da argumentação e retórica. Aliás, Perelman deve a isso a posição única e fundamental que ocupa na história do pensamento filosófico. Mas e quanto à proposta perelmaniana de um *auditório universal*? Por que estudá-la? Entendo que, ainda que Perelman não tenha a mesma qualidade filosófica de alguns grandes pensadores contemporâneos, sua análise da argumentação filosófica indica uma via média entre o universalismo e o contextualismo que constitui um campo fértil para pensarmos sobre o alcance e o limite de nossa capacidade argumentativa. Vários *insights* de Perelman o aproximam daqueles que não querem comprometer-se nem com um transcendentalismo kantiano forte, nem com um relativismo cultural.

Vejamos, de maneira mais detalhada, os objetivos deste trabalho e suas partes constituintes. As três metas principais

deste livro são: (a) definir os principais conceitos e distinções de uma teoria da argumentação; (b) analisar como Perelman trata a argumentação filosófica, procurando tornar mais claro o conceito de *auditório universal*; e (c) situar Perelman no debate filosófico contemporâneo relativo à argumentação, procurando retirar algumas implicações de sua perspectiva filosófica. O texto está estruturado em três partes, cada uma correspondendo a um dos objetivos acima. Assim, a primeira parte (I) trata da argumentação e da nova retórica, a segunda (II) da argumentação filosófica e da noção de *auditório universal*, realizando também um balanço crítico da nova retórica, e a terceira (III) aborda alguns reflexos da noção de *auditório universal* e situa Perelman em um debate contemporâneo mais amplo. Segue, abaixo, uma breve apresentação do conteúdo que será trabalhado em cada parte.

A primeira parte (I) inicia-se com um estudo preliminar sobre a *argumentação*, definindo algumas noções básicas que serão importantes para a compreensão da nova retórica de Perelman, seguida de uma apresentação dos diferentes estudos da argumentação, ressaltando as diversas maneiras de se abordar o tema e situando, nesse universo, a proposta perelmaniana. Isso nos permitirá localizar a nova retórica no interior de um quadro mais amplo de pesquisas, sendo marcada pela natureza lógica, descritiva, argumentativo-filosófica e retórica (ver capítulo 1). Na sequência, será realizada uma comparação entre a nova retórica e os antigos estudos retóricos, o que possibilitará observar qual a originalidade de Perelman, ou seja, em que sua retórica difere das antigas (ver capítulo 2). Depois, serão investigadas as distinções fundamentais sobre as quais se assenta a nova retórica. Partindo da oposição traçada por Perelman entre *argumentação* e *demonstração*, analisarei como seu pensamento se desenvolve e se desdobra em vários outros pares conceituais: lógica formal/lógica informal, evidência/opinião,

racional/razoável, objetividade/imparcialidade, contradição/incompatibilidade, e validade/eficácia. Procurarei, nesse ponto, mostrar como a argumentação possui um caráter intermediário, entre a violência (a pura imposição arbitrária) e a evidência (a necessidade lógica), ressaltando, assim, a importância da *liberdade de adesão* para o pensamento perelmaniano. Analisar-se-á, assim, a intenção de Perelman de realizar um estudo complementar à lógica formal, que visava ampliar o campo da racionalidade e da lógica (ver capítulo 3). E, por fim, ainda nesta primeira parte do livro, tratarei mais detidamente da noção de *auditório*, mostrando seu papel central no arcabouço conceitual perelmaniano e abrindo espaço para pensarmos a argumentação filosófica e o *auditório universal* (ver capítulo 4).

A segunda parte do livro (II) iniciar-se-á com um estudo acerca da questão da *meta-filosofia*, uma vez que a teoria da argumentação descreve a filosofia a partir de cima, como uma forma específica de argumentação. Na sequência, será investigada a delimitação dos traços próprios da argumentação filosófica, o que implica a compreensão de sua *visada* (qual é o auditório de que ela visa obter a adesão) e de seus *pontos de partida* (o que ela considera como um solo seguro, de onde podemos partir em nossas argumentações). Esse estudo permitirá observar como Perelman encontra a especificidade da argumentação filosófica na idéia de *universalidade*, ou seja, na pretensão argumentativa de validade para todos os seres racionais (ver capítulo 5). Em seguida, será empreendida uma análise bastante detalhada da noção de *auditório universal*, ressaltando os principais elementos presentes em sua definição (que são muitas vezes contraditórios) e procurando harmonizar as diferentes possibilidades interpretativas desse conceito (ver capítulo 6). Na sequência, será exposta a visão filosófica de Perelman, trabalhando a distinção entre *filosofia regressiva* e *filosofias primeiras*, observando as consequências relativistas

de sua concepção filosófica e avaliando como a filosofia pode sobreviver no interior de seu pensamento e qual seria o verdadeiro alcance de sua argumentação (ver capítulo 7). Por fim, será realizado um balanço crítico da abordagem de Perelman: alguns pontos problemáticos da nova retórica serão avaliados e procurar-se-á também responder a algumas críticas levantadas (ver capítulo 8).

Na terceira e última parte do livro (III), será analisado o reflexo da noção de *auditório universal* sobre duas questões filosóficas fundamentais, envolvidas na problemática da argumentação: a distinção entre *convencer* e *persuadir*, e a oposição entre *contextualismo* e *universalismo*. Sobre a primeira questão, será apresentada a concepção tradicional dessa distinção (presente em Platão), a proposta kantiana e, por fim, a concepção perelmaniana, que se baseia na noção de *auditório universal* (ver capítulo 9). Já para tratar do segundo ponto, um estudo sobre alguns filósofos contemporâneos será empreendido. Depois de colocar o problema tal como ele se apresenta hoje, a partir dos estudos de Wittgenstein, serão analisadas as contribuições de Richard Rorty (que tem traços marcadamente contextualistas), de Karl-Otto Apel (que assume uma posição claramente universalista), e de Jürgen Habermas (que adota uma via, em grande medida, intermediária). Após a análise desses grandes pensadores contemporâneos, incluirei Perelman nesse debate e procurarei, além de indicar a proximidade de seu pensamento com o de Habermas, mostrar como a idéia de uma filosofia que visa o convencimento do *auditório universal* (tal como Perelman o compreendeu) preserva aquilo que há de valioso tanto na intuição contextualista quanto na universalista (ver capítulo 10).

Gostaria de concluir esta introdução agradecendo àqueles que contribuíram para a elaboração deste livro. Primeiramente, agradeço ao Prof. Paulo Margutti pela

orientação sempre atenciosa e inteligente. Hoje, passados alguns anos da conclusão do trabalho, consigo ver com mais clareza como seus ensinamentos e seu exemplo foram fundamentais em minha formação. Agradeço também à Profa. Miracy Barbosa de Souza Gustin, que foi quem me apresentou pela primeira vez a obra de Perelman na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Ela teve um papel fundamental em meus primeiros passos acadêmicos, orientando-me em minha monografia de final de curso e ensinando-me que seriedade, engajamento e amabilidade podem (e devem) caminhar juntas. Agradeço ainda aos professores Edgar da Rocha Marques e Francisco Javier Herrero Botin, pelas considerações feitas na banca examinadora: além da inestimável contribuição, vocês me brindaram com uma rica e agradável interlocução. Gostaria também de agradecer à Profa. Theresa Calvet, figura única que sabe como ninguém instigar seus alunos a filosofar com rigor e bom humor, e ao Prof. Antonio Cota Marçal, sempre aberto para o diálogo intelectual e que confiou em mim e me abriu à época as portas da carreira acadêmica. Não posso deixar também de agradecer à Carol (minha namorada na época e hoje minha mulher) e aos meus amigos, em particular aos meus colegas da ÁGORA (meu irmão Marco Aurélio, David, Franck, Decat, Tiago, Lincoln, Daniel e Márcio) que compartilharam comigo esse intenso momento de minha vida. Agradeço, por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, à Embaixada da França no Brasil (que me concedeu a possibilidade de uma estadia na França em meu primeiro ano de pesquisa), à Bibliothèqu nationale de France (que me acolheu em 2002, permitindo-me enriquecer bastante minha bibliografia) e ao CNPq pela bolsa de estudos.

PARTE UM

A argumentação e a
nova retórica de Perelman

Filosofar, no fundo, nada mais é do que um tipo peculiar de argumentação, uma prática que se serve de razões tendo em vista o convencimento mais amplo e qualificado possível. Visando compreender melhor o discurso filosófico, este livro analisa a proposta de Chaïm Perelman de uma nova retórica. As principais metas deste trabalho são: definir os conceitos e distinções fundamentais de uma teoria da argumentação; investigar a especificidade da argumentação filosófica, clareando a noção de auditório universal; e enfrentar os temas do convencimento e do universalismo. Assumindo uma postura próxima à de Habermas, Perelman defende que, dependendo do ponto de vista (interno ou externo ao auditório), a filosofia pode ser tomada como um discurso limitado a um contexto determinado ou como uma argumentação aberta que visa o universal.



D'PLÁCIDO
EDITORA
www.livrariadplacido.com.br

ISBN 978-85-8425-057-8



9 788584 250578